

HUGO GÊ

A RAINHA DOS VULCÕES

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR



PÂMELLA OLIVEIRA LOPES BACK

KANT EDITORIAL

Copyright © PÂMELLA OLIVEIRA LOPES BACK
Copyright ilustração da capa © RUBENS BELLI
Design da capa JEAN VALIM
Projeto gráfico FABRÍCIO ÁLEX BITTENCOURT

CONSELHO EDITORIAL

Darlan Jevaer Schmitt
José Endoença Martins
Marta Helena Caetano

1ª EDIÇÃO – 2025

Edição em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa.

Direitos desta edição reservados à Kant Editorial Ltda.
Rua Tocantins, 156, Bairro dos Estados
Indaial - SC, CEP 89086-781
E-mail: grupoeditorialsaltogrande@gmail.com

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.

SUMÁRIO

Carta ao professor.....	4
Proposta de atividades.....	5
Pré-leitura.....	5
Leitura.....	8
Pós-leitura.....	10
A obra e a PNA.....	15
Referências bibliográficas.....	16
Tabelas.....	17

CARTA AO PROFESSOR

Cara professora, caro professor:

Você acaba de acessar o material digital com sugestões de atividades didático-pedagógicas pertinentes a *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*, segundo livro de uma série de ficção científica e fantasia destinada aos leitores dos anos finais do Ensino Fundamental. Mesmo que deixe em seu epílogo um “gostinho de quero mais”, o livro em questão traz uma história com começo, meio e fim, podendo ser lido isoladamente, sem a necessidade de outros títulos que complementem o arco narrativo.

Vamos acompanhar as aventuras de Hugo Gê, um garoto de 11 anos que de repente descobre um segredo pra lá de mirabolante. No porão secreto da casa, seu avô esconde Asterion, um planeta miniaturizado — e muito parecido com a Terra — que se encontra num período de desenvolvimento histórico semelhante à nossa Idade Média. Como aconteceu com outros antepassados de Hugo Gê, ele agora terá de assumir a responsabilidade de se tornar o novo guardião do planeta. Além disso, ele fará novas descobertas que vão trazer ainda mais elementos intrigantes em suas aventuras.

Além da aventura e da diversão presentes na narrativa, temos uma franca homenagem a dois gêneros literários que se desenvolveram ao longo do século XX: a ficção científica e a fantasia. O próprio nome do protagonista faz referência a Hugo Gernsback, editor da *Amazing Stories* (1926), revista que ajudou a popularizar a relação entre literatura, ciência e magia. Com o tempo, a ficção científica e a fantasia se tornaram dois dos gêneros mais populares nos livros, nos quadrinhos e no cinema.

Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões foi escrito com uma linguagem simples, direta, descontraída, tornando acessíveis alguns temas aparentemente complexos, mas sem subestimar a inteligência dos jovens leitores. É uma “novela”, formato narrativo que se encontra entre o conto e o romance, e por isso possui a quantidade de texto ideal para a faixa etária indicada. As ilustrações de Rubens Belli enriquecem o sentido da história e despertam a criatividade visual do público.

Maicon Tenfen, o autor, possui grande experiência com o público infanto-juvenil. Além dos diversos livros que escreveu para jovens, incluindo *Lutz e Gandalina Contra o Crocodilo Alado de Salone*, uma recriação das novelas de cavalaria, é roteirista de *Boris e Rufus*, série de animação exibida pelos canais Disney no Brasil, nos países da América Hispânica, na Rússia e na China. *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões* é uma forma lúdica de despertar o pensamento lógico dos leitores.

É um livro para aprender, refletir e sonhar.

Boa leitura!

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Este documento apresenta a vocês, professoras e professores, uma série de sugestões para trabalhos didáticos com a obra *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*, destinada aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Vale lembrar que estamos apresentando sugestões, e não “práticas rígidas” e obrigatórias, de modo que cada docente possa fazer as adaptações necessárias às características da comunidade educacional à qual pertence. Essas adaptações são importantes por causa do pluralismo cultural e dos diversos contextos que existem na sociedade brasileira, conforme menção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais (BRASIL, 2018, p. 15).

As propostas de atividades foram elaboradas com atenção às mais variadas estratégias de aproximação do material de leitura, sempre de forma gradual, partindo dos elementos mais simples até chegar aos mais complexos, e trabalhando em primeiro lugar os aspectos textuais da obra, em seguida os contextuais e, por fim, quando possível e necessário, os aspectos críticos/reflexivos/socioemocionais. Isso permitirá que os estudantes tenham um aproveitamento amplo da leitura de *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*. Para organizar as práticas didáticas a partir da obra, dividimos as atividades em três momentos essenciais de ação pedagógica: pré-leitura, leitura e pós-leitura.

PRÉ-LEITURA

Acreditamos que um bom projeto de leitura comece antes mesmo de os estudantes receberem em mãos o livro indicado. Nesse importante momento de introdução, o professor terá oportunidade de demonstrar seu entusiasmo em relação aos aspectos da obra que todos na classe devem conhecer (EF15LP02). No caso de *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*, estamos tratando de uma aventura de ficção científica e fantasia que discute questões como as responsabilidades do nosso dia a dia. Mas vale perguntar: pelo que devemos ser responsáveis? Apenas por nós mesmos e nossos estudos? Ou também por nossos pais, nossos avós, nossa família? Somos responsáveis pelo mundo que nos cerca? Falando em mundo, o que aconteceria se fôssemos obrigados a assumir a responsabilidade por um planeta inteiro? (EF15LP09, EF15LP10).

Hugo Gê recebe o título de novo guardião de Asterion, mas isso é só o começo da história. Faz parte do trabalho de um guardião projetar-se para dentro desse mundo em miniatura com a ajuda de uma câmara transmissora retrofuturista. Só que dessa vez, ele tem uma missão que o motiva e o impulsiona a encarar todo e qualquer desafio: encontrar a mãe que está presa em Asterion. Mas como agir para encontrá-la? Como impedir que o pior aconteça? Só lendo para descobrir. (EF15LP15).

Antes ainda da entrega dos livros à classe, seria produtivo falar um pouco mais das personagens que viverão as peripécias da história. Além de Hugo Gê, que deve despertar identificação imediata com os estudantes, temos também Seu Murasaki, avô e mentor do protagonista. São companheiros de aventura, mais ou menos como Dom Quixote e Sancho Pança ou Sherlock Holmes e o Dr. Watson. Seu Murasaki se movimenta com a ajuda da bengala e da cadeira de rodas, mas isso não o impede de zelar por Asterion e pela segurança do neto. Antecipando algumas características dessa personagem, poderíamos lançar algumas perguntas aos estudantes: “você já pararam para pensar como é a vida de um cadeirante? Já se colocaram no lugar dessas pessoas?” Hugo Gê, como veremos, vai provar essa sensação na pele, literalmente (EF15LP02).

Esse seria um momento oportuno para apresentar à turma a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que determina as “normas gerais para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação”. Seria muito construtivo do ponto de vista da cidadania se o professor pudesse verificar alguns artigos da Lei e em seguida ler trechos selecionados em sala de aula para gerar um debate a respeito do tema (EF05HI04).

Outro passo importante dessa introdução seria uma conversa descontraída com a classe sobre os gêneros literários nos quais se baseia a história que vamos ler. *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões* não nasceu do nada, sem inspiração ou influências. Trata-se de uma homenagem à ficção científica e à fantasia heroica, duas tradições narrativas que, como vimos, se firmaram ao longo do século XX. Seria interessante destacar que o nome do protagonista tem origem no nome de Hugo Gernsback, editor da *Amazing Stories* (mais tarde, na “verificação tátil” da obra, os estudantes poderão observar a capa do primeiro número da revista, publicado em 1926). O pioneirismo de Gernsback foi tão importante que hoje, nos Estados Unidos, ocorre anualmente a entrega do *Hugo Award*, espécie de Oscar dos escritores de ficção científica e fantasia. (EF15LP15).

Falar sobre a ficção científica no cinema também ajudará a despertar a curiosidade dos estudantes. Viagens no tempo e no espaço, dinossauros criados em laboratório, inteligência artificial, realidade virtual, extraterrestres amigos (e inimigos!), destruição da Terra, todos os grandes temas do gênero se encontram em centenas de produções audiovisuais. Para a faixa etária em questão, parece

apropriado citar *Star Wars*, uma saga de filmes de longa metragem que teve início na década de 1970 e hoje conta com um “universo expandido” repleto de livros, histórias em quadrinhos, *games*, séries de animação exibidas na TV aberta, séries *live-action* exibidas nos novos canais de *streaming*, enfim, um mundo de tramas e personagens tão numerosas que se tornou impossível acompanhá-las todas de uma vez.

O mesmo pode ser dito da fantasia heroica, um gênero derivado da ficção científica que, em vez de tecnologias avançadas, utiliza a magia como motor para suas histórias. Quando Hugo Gê é projetado para o interior de Asterion, não encontra um mundo moderno e mecanizado, mas uma realidade com características medievais habitada por feiticeiros capazes de domar dragões com a ajuda de artefatos mágicos. É nesse momento que passamos da tecnologia à magia, ou, se preferível, da ficção científica à fantasia heroica, fazendo com que um gênero narrativo se misture a outro e torne o enredo mais atraente. O que *Star Wars* representa para a ficção científica, *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit* representam para a fantasia heroica, daí ser oportuna a menção dos filmes baseados na obra do escritor britânico J. R. R. Tolkien (1892-1973).

A citação de filmes, porém, é apenas uma das muitas estratégias possíveis para atingirmos o objetivo de familiarizar os estudantes com os gêneros narrativos abordados na obra que vamos ler. Como a ficção científica e a fantasia se dividem em inúmeros subgêneros, pode ser possível encontrar livros dessas tradições na biblioteca da escola. Uma apreciação do catálogo com os títulos disponíveis, seguida de uma visita às estantes, pode ser uma excelente atividade de incentivo à leitura. É possível que os estudantes se deparem com clássicos como *20.000 Léguas Submarinas*, de Júlio Verne, ou *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, sem falar nas obras mais recentes e nas adaptações para os quadrinhos. E os autores brasileiros? Também escrevem ficção científica e fantasia? Existe uma tradição desses gêneros entre nós, ou será que Hugo Gê é uma obra pioneira? (EF35LP17).

Estimule a curiosidade dos estudantes. Uma rápida pesquisa no Google trará resultados surpreendentes.

Depois desse primeiro instante de contextualização, chega a hora de distribuir os exemplares do livro aos estudantes. Será um momento de pura magia e entusiasmo, pois agora teremos a história e as personagens “materializadas” em nossas mãos. Sugerimos que seja feita uma “verificação tátil” da obra, isto é, que os membros da classe possam manipular o livro, folheá-lo, observar as imagens que ilustram as informações paratextuais e ler o pequeno texto de apresentação que se encontra na quarta capa. Um processo de “cognição especulativa” se iniciará automaticamente na cabeça dos estudantes. O professor pode motivar esse processo com perguntas: quais

ilustrações representam a ficção científica? O que você imagina que está acontecendo na página 25? Alguém teria algum palpite sobre o que acontecerá nesta história? Como será a Rainha dos Vulcões? (EF15LP02, EF15LP18).

Mais do que colorir o livro, as ilustrações de Rubens Belli servem para potencializar a imaginação dos leitores no que diz respeito às personagens e aos cenários. Durante a leitura, o estudante conviverá naturalmente com a espacialidade da trama, já que possui as informações visuais necessárias para se deixar guiar pelas palavras. A capa do livro também desperta interesse. Ela funciona como se fosse uma cena de ação audiovisual paralisada pela tecla *pause*. O professor pode explicar esse conceito aos estudantes e instigá-los a responder o que eles acham que aconteceria se voltássemos a pressionar a tecla *play* (EF15LP18).

Para encerrar a verificação tátil, seria interessante se o professor chamasse a atenção dos estudantes para as biografias do autor e do ilustrador da obra, que aparecem ao lado de uma caricatura que faz referência a *Guerra dos Mundos* (1898), clássico de H. G. Wells duas vezes adaptado para o cinema, a primeira em 1953 por Byron Haskin e a segunda em 2005 por Steven Spielberg. Assim, aos poucos, os futuros leitores de *Hugo Gê* descobrirão as muitas referências à ficção científica e à fantasia presentes no livro. Na sequência, na página 64 das informações paratextuais, podemos visualizar a capa do primeiro número da *Amazing Stories*, editada por Hugo Gernsback, em quem, como já sabemos, foi inspirado o nome do nosso protagonista. A leitura em classe dessas informações paratextuais seria ótima para o fechamento da introdução ao livro. O texto possui linguagem acessível e serve para consolidar as informações até agora compartilhadas com os estudantes (EF15LP18, EF35LP17).

LEITURA

Poucas coisas são mais estimulantes no ambiente escolar do que a leitura conjunta de uma obra paradidática. Será um momento de diversão e reflexão, já que todos na classe podem conhecer um material externo às disciplinas cotidianas e, mesmo com isso, por assim dizer, continuar falando a “mesma língua”. Depois da introdução da história e das personagens que irão vivê-la, além de todo o compartilhamento de informações sobre ficção científica e fantasia que ocorreu durante a verificação tátil do livro, chega o esperado momento de abrir na primeira página e descobrir o que de fato está acontecendo na vida de Hugo Gê. Muitos estudantes chegarão rapidamente à última linha do livro. Outros precisarão de um pouco mais de estímulo. É por isso que a mediação do processo de leitura pode ser decisiva para o êxito da atividade (EF35LP03, EF35LP04).

Uma recomendação importante diz respeito ao vocabulário. Há algumas poucas palavras mais “difíceis” ao longo do texto, normalmente relacionadas

à tecnologia. Os estudantes podem ser encorajados a decifrar o sentido dos vocábulos conforme o contexto em que aparecem. Depois disso, caso a palavra não seja decifrada, seria interessante anotá-la num diário de leitura, que pode ser físico ou virtual, dependendo da realidade escolar em que o trabalho está ocorrendo. Seguindo a mesma lógica, consultas ao dicionário podem ser realizadas em casa ou na escola. O estudo do vocabulário será um “disparador” das conversas periódicas que o professor há de manter com os estudantes durante a leitura. A partir de palavras aparentemente isoladas, como veremos, é possível evoluir para temas que envolvem preocupações individuais, familiares e sociais (EF35LP05) (EF04LP03).

Para a leitura propriamente dita de *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*, sugerimos três modelos de trabalho: 1) leitura silenciosa em casa; 2) leitura em voz alta na classe; 3) leitura mista.

Leitura silenciosa em casa

Mesmo com a adoção deste modelo, autoexplicativo pelo nome, seria interessante se o professor lesse os dois primeiros capítulos na sala de aula. Será a oportunidade de conhecer Hugo Gê, a maneira como ele se apresenta, as perguntas que imediatamente planta na cabeça do leitor. Será que Hugo Gê encontrará a mãe? Para que ele está levando um litro de leite? A ideia de seguirem se comunicando pelo fone de ouvido parece ótima, mas será que vai mesmo funcionar? Tudo que for formulado em termos de hipóteses, além de ser feito de forma oral na classe, pode ser escrito no caderno destinado a ser o diário de leitura da obra. A partir do momento em que Hugo Gê entra na câmara de transmissão, os leitores também embarcam na jornada com o nosso protagonista e, com certeza, estarão motivados para continuar a leitura em casa. Seria produtivo estimulá-los a mostrar o livro aos pais ou cuidadores, compartilhar os conhecimentos adquiridos na escola, propor sessões de leitura em voz alta no ambiente doméstico, promovendo assim a literacia familiar (EF35LP03, EF35LP04, EF35LP21, EF35LP22, EF35LP29).

Leitura em voz alta na classe

Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões faz uma dosagem bastante equilibrada entre narração e diálogos. Além disso, a narrativa em primeira pessoa cria mais intimidade com o protagonista e faz com que os leitores se sintam mais próximos dos acontecimentos da história. Uma leitura em voz alta realizada pelo professor ou pelos alunos será estimulante para a potencialização das expectativas levantadas no fechamento de cada capítulo. Por esse motivo, a leitura de dois capítulos diários seria ideal para que o livro funcionasse como uma espécie de “telenovela literária”.

Ao término de cada sessão de leitura, o professor pode estimular a imaginação dos estudantes com perguntas sobre os próximos lances da narrativa. Por exemplo: no desfecho do quarto capítulo, “*Missão de reconhecimento*”, o garoto encontra-se sozinho, sem as orientações do avô e a partir de agora, precisará seguir a jornada e concluir a missão. “*E agora, o que seria de mim? Bastou um segundo para que minha sorte mudasse. Como voltar para casa? Como decidir o que fazer sem a orientação do meu avô? Eu estava preso. E sozinho.*” (Página 23). E agora, como Hugo Gê conseguirá se virar por lá? Encontrará a mãe? Será que vai conseguir escapar da Rainha dos Vulcões? Alguma hipótese? O objetivo dessa atividade é despertar a curiosidade do estudante de tal maneira que o faça antecipar-se na leitura dos próximos capítulos por conta própria (EF15LP16, EF35LP01, EF35LP03, EF35LP04, EF35LP22, EF35LP26, EF35LP29).

Leitura mista

Aqui teremos o melhor de dois mundos na realização da leitura. O livro pode ser dividido em três ou quatro partes, com datas estabelecidas para o debate sobre cada parte lida até o momento. Durante o debate, um estímulo à “leitura dialogada”, seria produtivo teatralizar algumas cenas com o auxílio dos estudantes. Essas teatralizações não são gratuitas, já que ajudam a lançar luzes mais fortes sobre certos pormenores da narrativa. (EF15LP16, EF35LP03, EF35LP04, EF35LP22, EF35LP26, EF35LP29).

PÓS-LEITURA

Com o término do processo de leitura, podemos investir nas atividades de pós-leitura, que dividimos em tarefas de *compreensão, reflexão e criação* relacionadas a *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*. A *compreensão* diz respeito ao relacionamento entre o leitor e a obra, a forma como a matéria narrada foi absorvida, os diferentes significados que damos a personagens, cenários e situações. Já a *reflexão* vai um pouco mais longe. Aqui devemos explorar as camadas mais simbólicas da obra, encorajando os estudantes a fazer relações entre o texto e a sua própria realidade, ou, numa chave de leitura mais ampla, entre o texto e as características do mundo que habitamos. A *criação*, por fim, será o ponto alto do processo, o topo da montanha, a valorização das autonomias, com os leitores expandindo os universos imaginários e elaborando novos “produtos” culturais a partir de suas experiências de leitura.

Para obter sucesso na atividade de *compreensão*, é útil instigar o estudante a enxergar a narrativa como um todo. Oralizações da história que acabamos de ler são motivações eficazes para chegarmos a um bom resumo, inclusive em sua modalidade escrita. Ocorre que pedir um resumo pura e simplesmente, sem maiores ponderações, pode resultar em expectativas frustradas, tanto para os estudantes como para o professor.

Se, porém, chamarmos atenção para os principais “pontos de virada” na trajetória de Hugo Gê, além de lembrarmos suas semelhanças estruturais com outras histórias da tradição literária infantil, o mais provável é que chegaremos a resultados pedagógicos compensadores.

Mas o que é um ponto de virada?

Em palavras simples, é um acontecimento importante, uma “reviravolta”, um fato que empurra o protagonista para a próxima etapa da narrativa. Toda história bem contada possui um ponto de virada inicial, uma cena em que o herói ou a heroína deixa o seu cotidiano para trás e cai no mundo mágico da aventura.

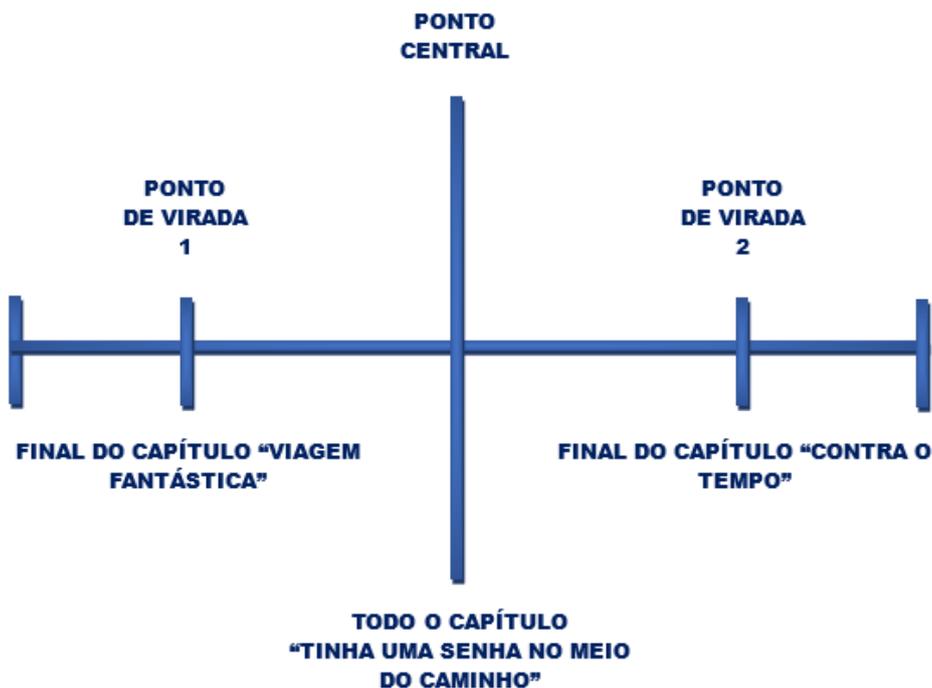
Tomemos como exemplo *O Mágico de Oz*, filme de 1939 adaptado do clássico de L. Frank Baum. Dorothy é uma menina comum do Kansas que de repente é alcançada por um furacão que a leva ao mundo encantado de Oz. Em que parte estaria, no caso de Hugo Gê, esse ponto de virada inicial que o manda para Asterion, ou seja, sua própria versão da Terra de Oz? No final do segundo capítulo, “Uma nova transmissão”, quando a frase “*Já não vi nem ouvi mais nada porque tudo escureceu ao meu redor.*” indica que a projeção para Asterion já começou.

Do mesmo modo, toda história bem contada possui um ponto central norteador, um acontecimento impactante que ocorre mais ou menos no meio da narrativa e normalmente põe o protagonista em perigo. Para continuarmos com o exemplo d’*O Mágico de Oz*, isso acontece quando Dorothy, já na companhia dos três amigos — o espantalho, o homem de lata e o leão covarde — cai em sono profundo ao atravessar um campo de papoulas.

E na trajetória de Hugo Gê, qual seria o ponto central? Certamente no momento em que ele, de certo modo, encontra a mãe, ou melhor, que ele descobre quem ela é. Essa cena é tão dramática no contexto psicológico do protagonista que será lembrada com facilidade pelos estudantes.

Para terminar, toda história bem contada também possui um ponto de virada final, outro acontecimento importante que faz o protagonista se encaminhar para o desenlace da trama. Em *O Mágico de Oz*, quando Dorothy e seus amigos finalmente encontram o mágico, ele exige que cumpram uma tarefa — trazer a vassoura da Bruxa Má — para que seus desejos sejam atendidos.

No caso de *Hugo Gê*, o ponto de virada final ocorre quando ele consegue chegar até o portal para retornar para casa. Será bem sucedido? Fracassará? É o que veremos no desfecho da narrativa. O professor pode usar o quadro para desenhar a estrutura abaixo e recapitular a jornada de Hugo Gê com os estudantes.



Assim, com visão de conjunto, fica mais fácil escrever um bom resumo. Os estudantes podem compor o texto em quatro parágrafos de tamanhos mais ou menos iguais.

Primeiro parágrafo: da apresentação do enredo até o ponto de virada 1.

Segundo parágrafo: do ponto de virada 1 até o ponto central.

Terceiro parágrafo: do ponto central até o ponto de virada 2.

Quarto parágrafo: do ponto de virada 2 até o desfecho da história.

O mais interessante é que essa estrutura não serve apenas para *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*. Pode ser aplicada para organizar o resumo oral e escrito de diversos outros livros e filmes compatíveis com a faixa etária dos quartos e quintos anos do Ensino Fundamental (EF15LP05, EF15LP06, EF15LP07, EF35LP07, EF35LP08, EF35LP09).

Como toda obra literária, *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões* possui várias camadas de leitura. Podemos curtir o livro como uma história de ficção científica e fantasia cheia de diversão, mas também podemos entendê-lo como uma metáfora

do nosso tempo e dos problemas que ameaçam o meio ambiente. A responsabilidade do protagonista sobre Asterion equivale à responsabilidade de cada um de nós sobre a Terra. Nesse sentido, somos todos Hugo Gê! Mas o que estamos fazendo ou deixando de fazer para preservar o lugar em que vivemos? Será que merecemos receber o título de *Guardiões da Terra*?

O livro, como se vê, oferece um “gancho” para uma das discussões mais urgentes da atualidade. O professor pode lembrar à classe algumas atitudes simples que estão ao alcance de todos para a conservação do meio ambiente — economizar energia, reduzir o consumo de plástico, não esquecer as torneiras abertas —, mas seria interessante se avançássemos um pouco mais na discussão, com o objetivo de desenvolver a “consciência ecológica” dos estudantes, ou seja, incentivá-los a refletir globalmente sobre o tema. Como fazer isso? Que estratégias utilizar? Sugestão: que tal criarmos o nosso próprio planeta? (EF05CI05).

O universo *online* é rico em jogos de teor educativo que simulam o desenvolvimento de ecossistemas complexos, fazendo o jogador acompanhar a humanidade através de períodos primitivos, clássicos, medievais, modernos e futuristas. Citamos como exemplo *The Universim*, criado pela Crytivo Games e disponível em plataformas Windows, MacOS e Linux. O jogo começa com um planeta que se encontra na Idade da Pedra, de modo que o jogador se vê na incumbência de manejar recursos naturais e energéticos em prol da civilização que pretende erigir, tomando decisões que envolvem necessariamente as questões ambientais de que tratamos acima.

É provável que a escola em que você está atuando não disponha de tecnologia suficiente para uma atividade dessa natureza, mas tudo pode se resolver com a criatividade. Separe os estudantes em pequenos grupos e fale sobre as necessidades básicas de qualquer civilização: água, terras férteis, minerais, linguagem (nada evolui sem a comunicação entre as pessoas). Dê o exemplo de Asterion, que se encontra num estágio alternativo de desenvolvimento, uma Idade Média habitada por feiticeiros e dragões. O mundo que os estudantes irão criar e preservar também pode conter seres míticos. Basta papel, lápis, ideias e coerência. Não haverá limites para a imaginação.

Outro tempo e espaço que pode ser explorado é o planeta miniaturizado dentro do planeta Asterion: Cerenium. Onde as pessoas se encontram numa fase de desenvolvimento histórico semelhante aos anos 30 do nosso século XX, um cenário composto por prédios antigos, calhambeques Ford e gansters armados com submetralhadoras Thompson. Aqui, valeria uma pesquisa e, quem sabe, uma apresentação e representação gráfica desse cenário. Não se esqueça de incluir Tony Chan nessa aventura, combinado?

Quando um leitor conhece um determinado universo narrativo em profundidade, ele naturalmente sentirá o desejo de criar histórias que envolvam as personagens e o ambiente que aprendeu a admirar. Depois da leitura de *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões* e da realização de algumas das muitas atividades até aqui descritas, é provável que a classe já tenha criado um grau elevado de familiaridade com todo o universo da história. A partir dessa familiaridade, seria produtivo se o professor sugerisse que cada estudante escrevesse a sua própria aventura com Hugo Gê.

O que estarão compondo, na verdade, são *fanfictions* — ficções de fã —, gênero muito popular na internet. Milhares de jovens ao redor do mundo compartilham contos e romances para homenagear seus livros e filmes preferidos. As *fanfictions* possuem muitos formatos, mas basicamente se dividem em 1) sequências, que são continuações da história interrompida pelos criadores originais, 2) prequências, ou seja, o que aconteceu antes do princípio da obra homenageada, e 3) os chamados *spin-offs* (textos derivados), nos quais os fãs desenvolvem aspectos e personagens pouco explorados na obra de referência.

A par desses pequenos conceitos de narratologia, será possível que o professor proponha vários formatos de *fanfictions*. O mais evidente será a sequência, já que a própria natureza do livro, volume inicial de uma série, aguça a imaginação dos leitores para os próximos desafios do herói. Ainda que *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões* conte uma história completa com começo, meio e fim, não deixa de se encerrar com um “gancho” que pesca o protagonista de imediato. Afinal, a história termina apresentando três objetivos próximos: “1) descobrir em que câmara transmissora estava o corpo de minha mãe; 2) voltar a Asterion e acordá-la de suas fantasias de poder; 3) descobrir se também estamos flutuando numa bola de cristal escondida em algum porão secreto por aí.” Eis um belo incentivo para escrevermos a nossa própria sequência da história (EF15LP05) (EF15LP06) (EF15LP07) (EF35LP07) (EF35LP08) (EF35LP09) (EF35LP25).

Mas as possibilidades não se esgotam por aí. Hugo Gê descobre muita coisa em pouco tempo e por isso fica com a cabeça cheia de perguntas. Já temos material suficiente para propor uma prequência, que poderia, por exemplo, abordar a juventude de Seu Murasaki. Seria também um *spin-off*, pois já estaríamos dando protagonismo ao personagem coadjuvante, criando outras histórias ao redor dele.

As ideias são tudo numa atividade como essa, mas a escolha da linguagem para o desenvolvimento do enredo também é fundamental. Dependendo das características da classe, os estudantes podem ser motivados a apresentar suas *fanfictions* em formato de texto, teatro, quadrinhos ou vídeo. O compartilhamento das produções em sala de aula será o desfecho de uma bela temporada de criação.

A OBRA E A PNA

O trabalho proposto a partir da obra também está ancorado nos fundamentos que norteiam as práticas da PNA (Política Nacional de Alfabetização), tais como:

- a consciência fonêmica;
- a instrução fônica sistemática;
- a fluência de leitura;
- o vocabulário;
- a fluência em leitura oral;
- a compreensão de textos;
- a produção escrita.

A PNA evidencia a importância de se desenvolver a literacia, entendida como a prática de ensino que garanta o aprimoramento das habilidades de leitura e de escrita. O material digital de *Hugo Gê - A Rainha dos Vulcões* foi baseado nesse princípio. De acordo com o que está previsto no documento, a categoria em que se encontram os estudantes a que as atividades presentes neste material se destinam é a literacia intermediária, faixa do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, que, segundo a própria Política Nacional de Alfabetização, “abrange habilidades mais avançadas, como a fluência em leitura oral, que é necessária para a compreensão de textos.” (BRASIL, 2019, p. 21).

Ressaltam-se os modelos de leitura propostos no material digital, elaborados com o objetivo de desenvolver a fluência em leitura. Por isso a importância de também ser motivada a leitura em voz alta para todos da sala, para que o professor possa analisar a evolução dos estudantes durante esse processo, auxiliando-os de forma adequada.

Mesmo que utilize uma linguagem simples, direta e descontraída, a obra apresenta algumas palavras que podem não fazer parte do repertório dos estudantes, o que é uma grande oportunidade para que se amplie o vocabulário deles, garantindo também uma melhor compreensão textual.

Para encerrar, foram propostas atividades de produção textual escrita a fim de que as habilidades próprias dessa categoria possam ser desenvolvidas e aprimoradas. Consideramos esse um dos pontos mais importantes, já que se firma como o fortalecimento de tudo que foi trabalhado ao longo do processo de alfabetização.

Referências Bibliográficas

A GUERRA dos Mundos (*The War of the Worlds*) (1953). Direção: Byron Haskin. Ficção científica. Cor, som, 1h 25 minutos.

BAUM, Loyman Frank. *O Mágico de Oz*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1969.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA. Política Nacional de Alfabetização*. 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

_____. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular: versão final*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

_____. Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2000.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GERNSBACK, “A new sort of magazine”. AS, v.1, n. 1 (Abril, 1926).

GUERRA dos mundos (*War of the Worlds*) (2005). Direção: Steven Spielberg. Ficção científica. Cor, som, 1h 52 minutos.

MATHESON, Richard. *Eu sou a lenda*. São Paulo: Aleph, 2015.

TENFEN, Maicon. *Hugo Gê – A Rainha dos Vulcões*. Indaial: Kant, 2024.

THE UNIVERSIM. Editora: Crytivo. Disponível em: < https://store.steampowered.com/app/352720/The_Universim/ >. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

WELLS, H. G. *A Guerra dos Mundos*. São Paulo: Alfaguara, 2007.

TABELAS

PRÉ-LEITURA

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
LÍNGUA PORTUGUESA		
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Estratégia de leitura	(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
Oralidade	Escuta atenta	(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Pesquisa	(EF35LP17) Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário/Leitura multisemiótica	(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
HISTÓRIA		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

LEITURA

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
LÍNGUA PORTUGUESA		
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Estratégia de leitura	(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário	(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Compreensão	(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Estratégia de leitura	(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Construção do sistema alfabético/ Convenções da escrita	(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.
Análise linguística/ semiótica (Ortografia)	Conhecimento do alfabeto do português do Brasil/Ordem alfabética/Polissemia	(EF04LP03) Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta.
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Pesquisa	(EF35LP17) Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.
MATEMÁTICA		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Probabilidade e estatística	Análise de chances de eventos aleatórios	(EF04MA26) Identificar, entre eventos aleatórios cotidianos, aqueles que têm maior chance de ocorrência, reconhecendo características de resultados mais prováveis, sem utilizar frações.

Probabilidade e estatística	Espaço amostral: análise de chances de eventos aleatórios	(EF05MA22) Apresentar todos os possíveis resultados de um experimento aleatório, estimando se esses resultados são igualmente prováveis ou não.
CIÊNCIAS		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Matéria e Energia	Consumo consciente Reciclagem	(EF05CI05) Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.

MODELOS DE LEITURA

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	MODELOS DE LEITURA
LÍNGUA PORTUGUESA			RA
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Leitura colaborativa e autônoma	(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.	2, 3
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Decodificação/Fluência de leitura	(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.	2
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Compreensão	(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.	1, 2 e 3
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Estratégia de leitura	(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.	1, 2 e 3
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário	(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	1
Leitura/escuta (compartilhada e autônoma)	Formação do leitor literário/Leitura multisemiótica	(EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto.	1, 2 e 3

Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Escrita autônoma e compartilhada	(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.	2, 3
Análise linguística/semiótica (Ortografia)	Formas de composição de narrativas	(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.	1, 2 e 3

PÓS-LEITURA

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
LÍNGUA PORTUGUESA		
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Planejamento de texto	(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Revisão de textos	(EF15LP06) Rer ler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Edição de textos	(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Construção do sistema alfabético/ Convenções da escrita	(EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.

Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Construção do sistema alfabético/ Estabelecimento de relações anafóricas na referência e construção da coesão	(EF35LP08) Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Escrita autônoma e compartilhada	(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.
Produção de textos (escrita compartilhada e autônoma)	Planejamento de texto/Progressão temática e paragrafação	(EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.
CIÊNCIAS		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Matéria e Energia	Consumo consciente Reciclagem	(EF05CI05) Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.